



ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS

43

RECOMPONDO MEMÓRIA E TECENDO HISTÓRIA: REVISITANDO A HISTÓRIA DA CIDADE DE GUARABIRA/PB A INVENÇÃO DO IMAGINÁRIO GUARABIRENSE ACERCA DO APARECIMENTO DE OVNI'S (1990 – 2000).

*Sandeilson Beserra Nunes¹
João Batista Gonçalves Bueno²*

Resumo: A valorização do passado das cidades é assunto cada vez mais constante nas pesquisas históricas. Esta tendência se torna inédita quando problematizamos conceitos que norteiam as relações que criam pontes de diálogo entre a memória e o imaginário tendo como plano de fundo a cidade como espaço social. Sendo assim partindo da análise de jornais estaduais como: *O Norte, Jornal da Paraíba, Correio da Paraíba e A União*; tentamos traçar uma linha imaginária sobre o fato ocorrido em um período de 10 anos. Sendo assim nosso trabalho tenta consolidar em seu arcabouço uma construção do passado através dos Jornais e da memória local. Este artigo tenta emergir uma problemática que busque sanar as incógnitas de um passado “glorioso” da cidade de Guarabira/PB, que ficou mundialmente conhecida como a capital dos OVNI's (Objeto Voador Não Identificado), no Brasil. O mesmo fato reunia toda a população todas as noites para contemplar aquele festival de luzes no céu. Postulamos entender o que está por trás desse acontecimento social e compreender os diálogos entre a memória e a construção desse espaço.

Palavras-chave: OVNI's. Cidades. Memória.

INTRODUÇÃO

(...) tomamos consciência do fato de que o historiador, escreve, produz um espaço em um tempo, embora estando ele próprio inserido num espaço e num tempo. (GINZBURG, 2007, p.216).

As arquiteturas imagéticas da paisagem urbana contemporânea se associam com a construção dos espaços. A cidade e o imaginário abrangem provavelmente toda a

¹ Graduando em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista do PIBID CAPES – Programa Institucional de bolsa de Iniciação a docência. *E-mail:* sandeilson@hotmail.com

² Doutor em Educação; professor adjunto da Universidade Estadual da Paraíba; professor do PPGFP da UEPB; professor do PPGH da Universidade Federal da Paraíba; Coordenador da área de História do PIBID – Campus III – Guarabira – PB.

história da ordenação urbana desde a existência dos primeiros aglomerados. No entanto, a fragmentação da paisagem urbana, tal como a conhecemos hoje, pode ter um início nas utopias urbanas e nas transformações da cidade como um todo.

Ao construirmos o imaginário da cidade estamos contribuindo com o cultural e o urbano. Através dos Jornais que é nosso meio de acesso à investigação desse passado, podemos analisar os discursos, estampados nas notícias que se personificam em imagens que, nos fazem imergir na seara do imaginário das sensibilidades de uma época de “ouro”, da cidade que procura se construir a partir do pensar e do agir dentro de um parâmetro de urbano, preso na ideia da sensibilidade daqueles que presenciaram o acontecimento.

Neste cruzamento das imagens e discursos que o plano de fundo da cidade e sua História vão tomando corpo. Por meio da narrativa historiográfica e dos registros escritos e do falo que as ideias são refletidas dentro do espaço social. Neste misto de perplexidade, deslumbramento e preocupação é que o acontecimento e a relação cidade e memória vai sendo alinhavada.

De noites bem agitadas o imaginário da cidade de Guarabira/PB vai sendo tecido. Quando escurece na Cidade, os moradores saem às ruas como se fossem a um encontro marcado. Eles procuram os pontos mais altos da cidade e ficam de olhos voltados para o céu a espera de um espetáculo diferente que não deixa a cidade dormir.

Aos poucos a cidade fica cheia, basta um alerta e começa a correria, todos querem ver as luzes que se movimentam no céu. A luz no alto da serra varia de intensidade e desaparece lentamente. Com máquinas fotográficas e binóculos os moradores acompanham, outro alarme e todos correm novamente esses acontecimentos varavam a madrugada. O que mais impressiona são a quantidade e a frequência com que os OVNI's aparecem na cidade, os moradores falam em invasão.

O que mais impressiona em Guarabira, que já chegou a ser chamada de capital dos UFOs, são os relatos emocionados dos moradores, que criaram o hábito de passar as noites em lugares altos e escuro em busca de um contato com o insólito... De fato, a única conclusão possível é que algo importante parece ter acontecido à cidade e deixado suas marcas dentro de cada morador. (A UNIÃO, 1997).

Considera a capital nacional dos OVNI's a cidadezinha hoje, passa pelo processo de esquecimento da memória de um período que já mais será apagado da sua História que deixou fortes indícios na sua sociedade e lacunas que hoje carecem de compreensão. No auge dos acontecimentos o município fervilhava de pessoas, a cidade possuía um grupo de pesquisas ufológicas; Equipe de Pesquisas Ufológicas de Guarabira – EPUG, que possuía em seu corpo uma miscelânea de pessoas interessadas em saber qual o propósito desses acontecimentos.

Independente do que seja o fenômeno noticiado nos jornais, correram o Brasil e o mundo elucidado o fato, e que coisas fantásticas realmente aconteceram na cidade de Guarabira/PB. Hoje percebemos uma verdadeira frustração e um esquecimento

das pessoas que presenciaram o acontecimento, pois hoje a cidade solicita esclarecimento deste que foi um dos grandes fatos que marcaram a cidade.

(...) A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, (...) Todo trabalho de enquadramento de uma memória de um grupo tem limites, pois ele não pode ser construída arbitrariamente. (POLLAK, 1989).

Mas o importante para nós historiadores é não esquecer Guarabira/PB, mas continuar acompanhando e pesquisando. Assim este trabalho consolida uma pesquisa que busca emergir a construção do imaginário da cidade guarabirense em um espaço de dez anos fazendo o exercício de recompor a memória e tecer a história.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Ao trabalhar com esse acontecimento busca-se a construção do passado da cidade de Guarabira/PB através da história/memória. Baseado nessa ótica, podemos assim construir o Imaginário da Cidade e sua história no sentido cultural propondo o estudo da cidade através de suas representações.

Como historiadores em busca de encontrar subsídios que nos façam compreender o passado de forma mais concatenada. Sendo assim o propósito é manter viva a memória dos grandes fatos e feitos notáveis da nossa cidade. Todavia, a explicação tradicional, desse acontecimento não nos convencia então buscamos através da análise do Jornal e de seu discurso o porquê desses acontecimentos, haja vista que esses acontecimentos refletiam na oralidade e na memória de forma expressiva:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquela perspectiva que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO, 1988, p.19).

Nesta perspectiva, os jornais, por meio dos discursos, produzem estratégias e práticas tendentes a impor autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas, isto porque, “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2010, p.536). Os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. “A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos” (CAPELATO, 1988, p.15).

Os impressos são produtos forjados a partir de representações contextualizadas da realidade. O que, invariavelmente, revelam formas simbólicas de luta pelo poder de representar, afirmando-se, com isso, a memória de um grupo ou mesmo de partidos políticos.

Através de um olhar investigativo buscamos pistas sobre o fato ocorrido, e entre escombros e migalhas de uma história mal contada e esquecida buscamos entender

mesmo que de forma restrita, esse fenômeno que deu respaldo a nossa cidade em escala além do imaginado. Nesta ótica de romper o véu daquilo que foi esquecido e emergir uma “nova” história em cima do fato dado consolidamos as relações de História/Memória.

(...) Para nós historiadores, coloca-se a necessidade de um mergulho nas profundezas insondáveis das águas do imenso oceano da memória, alias, em seus mares: o da lembrança e do esquecimento. (GONÇALVES, 1998/1999).

Neste cabedal infinito, buscamos sanar as lacunas desse imaginário, de águas turbulentas que tenta trazer para cima a “história dos excluídos”. Neste constante silenciamento muitas vezes determinado pela própria sociedade que se legitimam os discursos de uma “amnésia social” que encapsula no esquecimento devido à repressão.

Nesta trama que se afina com as ideias de imaginário e cidade que, se tornam possíveis a análise em escala discursiva do jornal com fonte de pesquisa histórica. Devemos compreender que como qualquer fonte merece crivo e minucioso trabalho de interpretação, como expõe Lynn Hunt:

O homem é um animal suspenso nas teias de significados que ele próprio teceu. As teias não o ato de tecer; a cultura, não a história; o texto, não o processo de textualização – são essas as coisas que atraem a atenção (HUNT, 2001, p. 108).

Sabendo das milhões de teias e significados que os jornais propiciam ao decorrer dos seus desdobramentos escritos e sua análise como fonte documental para História. Devido à falta de “crédito acadêmico”, o jornal luta para ser mais um objeto de análise do historiador, pois hoje o mesmo se destaca como fonte nas construções narrativas utilizadas por historiadores.

É notável a forte presença do imaginário nos discursos dos jornalistas, e como a cidade como espaço vai sendo construída historicamente. Nas releituras podemos identificar que a partir de 1990 começava a surgir lampejos da população acerca dos ³avistamentos que despertam a curiosidade da população guarabirense:

Até ai, tudo bem moradores da serra de amarelinha no município de Pilõeszinhos veem luzes estranhas no céu, a curiosidade popular e inesgotável e mais inesgotável, ainda o seu poder de criatividade a respeito de eventos para os quais não encontram lógica nem amparo científico. (O NORTE, 1990).

Admitindo que a paisagem “tem história” (MENESES, 2002, p. 29-64), sua relação com o homem, tanto como um produto resultante de sua ação, quanto como um espaço de influência sobre o comportamento coletivo, deve ser lida como um

³ Expressão usada na ufologia que se conceitua em ver ou presenciar em loco o aparecimento de Objeto Voador Não Identificado – OVNI.

documento fundamental à compreensão da mentalidade daqueles que ali habitam, pois o ser humano não vive de forma desvinculada de seu meio.

Contra o risco de esgotamento das possibilidades oferecidas por estas fontes, e a necessidade de esclarecimento dos discursos expostos nos noticiários. A heterogeneidade como elemento de uniformização destas diferenças, de forma que o esforço despendido para esta busca de identidade abreviando as lacunas deixadas pelo fato.

Nesta proposta de investigar os impressos são validados no campo de análise do historiador. O discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários, mas antes seriam capazes de desvelar o nível básico das relações sociais. Expressam-se, portanto através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade.

O acontecimento dos OVNI's na cidade de Guarabira possibilita perceber que os diferentes discursos propostos pelos jornais, particularizam determinados personagens em cada momento, ou em cada ano. Ficou perceptível que entre 1996-1998 segundo os jornalistas, a necessidade de entender o fenômeno segundo as próprias testemunhas, as narrativas publicadas eram mais testemunhos, experiências pessoais, a memória local estão mais presentes nos jornais desse período como ilustra essas duas notícias vinculadas nos jornais da época:

Os chamados OVNI'S ou discos voadores têm pousado nos céus de Guarabira com frequência espantosa nos últimos meses e que já atraíram os holofotes de emissoras nacionais de televisão, como a Globo, que captou imagens para o Fantástico. (A UNIÃO, 1996).

José Alfredo, 65 anos, morador do Sítio Novo, Zona Rural de Guarabira passou 20 dias internado do CTI do Hospital Municipal de João Pessoa. Ele contou que começou a sentir dormência e fraqueza no corpo, após avistar o clarão de uma nave que voava na horizontal e tinha um formato de uma lâmpada fluorescente. Os médicos não souberam diagnosticar a doença. (CORREIO DA PARAÍBA, 1998).

Na busca de compreender esse “surto” coletivo percebemos que com o passar do tempo os discursos vão ganhando ares de comprovação científica. Vemos assim o imaginário da cidade vai sendo legitimado e forjado na busca de compreensões que fugissem dos argumentos clichês narrada por pessoas comuns como mostram esses recortes:

Verdade ou não, o fato é que coisas fantásticas realmente aconteceram na cidade paraibana. Diante de visitantes de outros estados, a população mostra-se visivelmente frustrada por não haver aparições espetaculares que transmitam os turistas ufológicos a real dimensão do que presenciaram. (CORREIO DA PARAÍBA, 1997).

Apesar de todas as análises, das reportagens nos jornais da Paraíba e do sul do País, de relatórios, a cidade de Guarabira, a 96 km de João Pessoa ainda continua sem desvendar o mistério dos Objetos Voadores Não Identificados que insistem em sobrevoarem a cidade que nunca foi rota regular de aviões (A UNIÃO, 1997).

As fitas de acordo com Wellinton chegaram a ser examinadas por técnicos do Instituto Técnico, Aeroespacial de São José dos Campos, que emitiram um laudo informativo que “as naves registradas nos vídeos, em Guarabira, não são convencionais”. (...) (JORNAL DA PARAÍBA, 2000).

Podemos perceber que os discursos vão tomando outros desdobramentos ao decorrer do período do fato, pois a imagem da cidade como lugar histórico vai sendo exposta em meio aos acontecimentos. Assim não basta, entretanto, preservar o passado e memória das cidades, pois temos também que estar atentos ao presente, para que possamos compreender e registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade. Não há como impedir que muitas dessas memórias, acabem desaparecendo, pois muitas podem, entretanto, ser salvas bastando para isso que estejamos atentos ao seu valor futuro, que consigamos deixar de pensar exclusivamente no aqui e no agora.

Não somos juízes de decidir o agora, e o que o futuro considerará importante erguer no nosso tempo. O passado histórico é redefinido cada vez que se concretiza no presente uma possibilidade. Deixemos que o presente que virá defina essas possibilidades, isto não impede, entretanto, que ajamos agora no sentido de facilitar ou garantir a sua plena realização.

CONCLUSÃO

A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem métodos; melhor ainda, a história, da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos, não existe. (Paul Veyne. Como se escreve a história).

A educação do olhar no enquadramento da cidade exige uma observação reflexiva sobre as experiências e transformações dos espaços tecidos pelo imaginário. Ao ampliarmos nossa visão no sentido da “paisagem cultural”, e as relações de aproximação com o meio se transformam em “lugares”, criando traços que forjam os espaços dentro da vida urbana.

Diante de um presente conturbado pelas questões que afligem o local e o global, enquanto exclusão social, destruição da cultura local e da cidadania, tornou-se inquietante saber como manter nossa singularidade, nossa história pessoal e coletiva. Em contraponto a essa política de homogeneização cultural e emergente a necessidade de cuidar da memória, e das pequenas histórias da cultura local, preservar o que for possível, respeitar as peculiaridades, as diversidades formadoras de identidades mais sólidas e reconhecer que o passado faz parte do presente e do futuro cultural de uma nação.

Com essa preocupação que buscamos desvelar nas fontes os significados e subjetivações inerentes a cada um dentro da sociedade local, propondo assim ressaltar a singularidade e a diversidade cultural, nesta época e neste universo caracterizado pela tensão da formação da mentalidade e as representações culturais locais; sabendo que “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como

pontos de demarcação em sua história” (BOSI, 1994, p.418), sendo o fato por nós estudados, um acontecimento noticiado nos jornais, de relevante importância na memória da cidade de Guarabira/PB, ficando o fenômeno dos OVNI's no imaginário local, e reproduzindo interpretações na memória coletiva da população.

Portanto, retomar as relações entre história e memória no viés de cidade no contexto de uma historiografia atual não é uma tarefa fácil. Em loco vislumbramos a oportunidade de pensar memórias e histórias nas suas dimensões sociopolíticas de homens e grupos se encontrarem e se portarem como sujeitos da história. Suas ações definindo o lugar onde se criam os espaços.

A nós historiador cabe também assumir nosso posicionamento, pois à medida que a historiografia fomenta e cria memórias, seu papel na sociedade não é inócuo, porque como disse Benjamin: “O dom de despertar no passado a centelha de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”. (BENJAMIN, 1994, p. 225).

FONTES

Jornais

MARTINHO, Jeferson. Relatos de quem viu!. **A União**, João Pessoa, 26 out. 1997.

GUEDES, Nonato. Os óvnis de Guarabira. **A União**, João Pessoa, 03 maio 1996.

EDUARDO, Borgonovi. Fotos de óvnis de Guarabira são apresentados na Espanha. **A União**, João Pessoa, 07 set. 1996.

GOUVEIA, Hilton. Aeronáutica pode investigar fenômenos ufológicos no brejo. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 17 out. 1998.

GOUVEIA, Hilton. Ufólogos comprovam ocorrência de OVNI's em Guarabira. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 21 set. 1997.

MAIOR, Suetoni Souto, Corredor ufológico corta PB. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 06 jun. 2000.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, v.1.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GONÇALVES, Regina Célia. Vidas no Labirinto: Mulheres e Trabalho Artesanal - Um Estudo de Caso da Comunidade da Chã dos Pereira - Ingá-PB. In: **A História e o Oceano da Memória: Algumas Reflexões**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1996, p. 13-38.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. In: **Documento/Monumento**. 5º Ed. Trad. Bernardo Leitão et.al, Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.525-541.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1998. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 20 de jun. 2014.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2ed. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.